



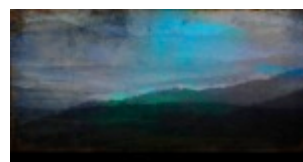
avenida europa 655
são paulo sp brasil
01449-001
t 55(11)3063 2344
f 55(11)3088 0593
info@nararoesler.com.br
www.nararoesler.com.br

roesler hotel #23 // curadoria de tim goossens// dark paradise //

O curador Tim Goossens é convidado para assinar a vigésima terceira edição de Roesler Hotel, programa permanente de parcerias junto a curadores nacionais e internacionais da Galeria Nara Roesler.

Com abertura no dia 15 de junho em São Paulo, a mostra coletiva *Dark paradise* reúne fotografias, vídeos, pinturas e colagens de artistas consagrados e emergentes, exemplificando o discurso e a narrativa contemporânea através do cânone do imaginário paisagístico. Alguns artistas se envolvem fisicamente com a paisagem, enquanto outros a capturam com traços poéticos – e, apenas à primeira vista, obscuros –, a partir de pontos de vista fictícios, interiores ou políticos, e locais carregados de conotação histórica.

A exposição foi originalmente criada para a Clocktower Gallery de Nova Iorque – espaço alternativo de arte fundado em 1972 por Alanna Heiss, legendário por suas exposições, *performances*, instalações de longa duração e *site-specific*, e pelas residências de artistas. Nos 40 anos de existência da galeria, foram apresentados trabalhos importantes de artistas como Gordon Matta-Clark, Max Neuhaus, Lynda Benglis, Dennis Oppenheim, Vito Acconci, Nam June Paik, Charlotte Moorman, Laurie Anderson, David Tudor, Marina Abramović, e Christian Marclay, entre muitos outros. Heiss também é a fundadora de



zipora fried
august 07, 2012
Impressão pigmentada
145 x 280 cm
cortesia da artista e da on stellar rays
gallery

abertura

15.06.2013 11h > 15h

exposição

17.06 > 10.08

seg > sex 10h > 19h

sáb 11h > 15h

galeria nara roesler

avenida europa 655
01449-001
são paulo sp brasil
t 55 (11) 3063 2344
f 55 (11) 3088 0593
www.nararoesler.com.br

assessoria de imprensa

agência guanabara
t 55 (11) 3062 6399a
diego sierra
diego@agenciaguanabara.com.br
laila about
laila@agenciaguanabara.com.br

PS1 Contemporary Art Center – e surgiu de um fascínio pela identificação da tradição da paisagem sublime em imagens contemporâneas, um gênero vigorosamente desenvolvido na pintura no final do século XVIII por mestres como Caspar David Friedrich, que uniam o sublime ao assombro e ao temor perante a natureza, e da busca por essas emoções em imagens mais íntimas, locais e poéticas, criadas por artistas que trabalham com mídias variadas. Muitas das obras presentes na exposição incluem figuras humanas e, independentemente de sua escala, evocam a sensação da presença indefinida do passado ou de um mundo a ser descoberto. A representação humana nas obras escolhidas é, em sua maior parte, de natureza mais sombria, indicando um quê de temor e combate pessoal ou social.

As fotografias de grande formato da artista radicada em Nova Iorque **Zipora Fried** assemelham-se a pinturas e constituem uma obra recente, criada a partir da combinação de fotos e camadas de cores pintadas à mão. Representando paisagens fictícias, são interpretações contemporâneas do gênero da paisagem histórica sublime e vibram com seu próprio potencial: o sonho e o terror de um território extenso e desconhecido, no qual tudo é possível, ou a sensação de uma presença divina podem ser sentidos nos raios de luz que surgem por trás das nuvens.

A fotografia em painéis múltiplos em grande escala do carioca **Marcos Chaves** retrata a mata próxima à residência do artista, no Rio de Janeiro, onde ele caminha semanalmente desde sua infância. A Pedra da Gávea – que aparece em primeiro plano quando o painel do meio é erguido – é uma rocha em meio à mata, e também a origem de muitas lendas locais. Seja a Pedra a gigantesca escultura de um velho, ou marcada por inscrições fenícias, como reza a lenda, hoje sua imagem também é uma reflexão sobre a paisagem da cidade paradisíaca icônica que está no centro de uma tempestade de gentrificação, em meio aos preparativos para sediar os grandes eventos esportivos que se aproximam.

Uma seleção de fotografias de **Patti Smith** marca a primeira exposição da obra visual da artista no Brasil, incluindo um

conjunto de imagens inéditas, registradas durante uma viagem à Guiana Francesa em 1981, que retratam as ruínas de prisões e edifícios militares construídos pelos líderes da ocupação. Com o tempo, as construções foram tomadas pela selva, mas as imagens ainda refletem os vestígios de seu passado (colonial), fotografados por Smith no estilo poético e frequentemente melancólico que é sua marca registrada, como se pode ver na interação entre a densidade das folhas e a aparição da luz. O passado entra em cena ainda mais enfaticamente nas demais imagens da exposição. Este conjunto de fotografias foi tirado em ambientes rurais onde as paisagens, vistas pelos olhos da artista, são carregadas de memórias de artistas de outros tempos – entre eles Virginia Woolf e Arthur Rimbaud – e prestam uma homenagem intimista às almas artísticas que inspiraram Smith ao longo de sua própria carreira.

No vídeo *Merlo*, realizado por **Joan Jonas** no início de sua carreira, a artista aparece sozinha em diferentes locações dramáticas ao ar livre: uma ravina rochosa, um rio durante uma ventania, uma varanda com vista para um vale. Vestida em um robe escuro com capuz, Jonas usa um longo cone de papel como megafone, entoando melodias e uivando para a paisagem como um animal. A imagem do cone e as melodias cantadas por Jonas são motivos recorrentes em sua obra, e sua utilização aqui pode ser interpretada levando-se em consideração que “merlo”, em italiano, é “melro”.

Paraíso sombrio é um tema particularmente adequado para uma projeção em vídeo do artista radicado em São Paulo **Thiago Rocha Pitta**. Em *O cúmplice secreto*, que se passa no mar próximo ao Rio de Janeiro, o espectador parece estar em pé num barco flutuando na água enquanto um objeto não identificado se aproxima lentamente entre as ondas. A obra baseia-se na famosa passagem de *Vinte Mil Léguas Submarinas*, de Júlio Verne – em que uma expedição se depara pela primeira vez com a criatura que caçava e descobre tratar-se, na verdade, do submarino *Nautilus*, do Capitão Nemo –, e faz com que a percepção do espectador passe de um cenário tropical idílico para um visual cada vez mais estranho. A apreensão cresce uma vez que nunca se

descobre o que de fato se aproxima do barco.

O influente vídeo *Pine Barrens*, realizado por **Nancy Holt** em 1975, foi filmado na árida região centro-sul de Nova Jersey. O filme registra a paisagem arenosa da região e capta os sentimentos e mitos da população local. O mais famoso deles diz respeito a uma criatura conhecida como The Jersey Devil (O demônio de Jersey), um ser tradicionalmente descrito como dotado de cascos – suas pegadas podem ser vistas em uma das imagens –, que seria o décimo terceiro filho gerado por sua mãe, supostamente nascido no século XVIII. O vídeo mostra árvores solitárias num cenário desolado e os vestígios deixados por Holt enquanto caminha pelas dunas.

Chernobyl Project, de **Alice Miceli**, apresenta uma série de imagens radiográficas da Zona de Exclusão de Chernobyl, retratando as regiões mais afetadas pelo acidente no lado bielorrusso da fronteira: imagens que são impressas pela própria radiação invisível que contamina a área desde o desastre de 1986. O resultado são impressões fantasmagóricas de um lugar abandonado – uma utopia tecnológica que deu errado –, porém cheio de uma matéria invisível, aparente nos rastros de destruição que deixa para trás.

Arid (1969) e *O bordo da noite* (1970), duas pinturas do famoso artista brasileiro **Antonio Dias**, são estudos individuais para a série de pinturas *Project for an Artistic Attitude* (1970), criada pelo artista enquanto residia na Itália. Este período marca uma mudança radical na obra de Dias, quando se voltou para uma abordagem conceitual da pintura: aqui, o artista pensa a pintura como um deserto, um terreno vazio capaz de absorção total.

As colagens íntimas em pequena escala e os desenhos do recluso artista irlandês **Alex Rose** são, em sua maioria, criados a partir de imagens encontradas, e Rose descreve os atos de coletar, reunir e revelar pela destruição como partes importantes de seu processo. As imagens impressionantes talvez advenham da ideia de se remover uma parte “ruim”; uma metáfora para a tentativa de proteger as crianças de

uma presença humana destrutiva e de restaurar a dignidade a uma paisagem interior de inocência, que o próprio artista perdeu cedo demais em sua vida.

O pintor, fotógrafo, cineasta, escritor e ativista **David Wojnarowicz** foi uma figura de destaque na arte nova-iorquina no final da década de 1970 e década de 1980, cujo trabalho está sendo apresentado pela primeira vez no Brasil. A exposição inclui o curta-metragem mudo *A Fire in My Belly*, um dos trabalhos em vídeo mais famosos do artista: filmado em Super 8, o filme mescla cenas de ruas no México, e temas e símbolos recorrentes em sua obra, como formigas, agressão, crânios de animais e religião. Também será apresentada uma seleção dos famosos retratos de homens usando uma máscara de Arthur Rimbaud, tendo a distopia do centro mais pobre da cidade como pano de fundo histórico; uma Nova Iorque falida, esgotada e perigosa, reconquistada como área de recreação para os artistas de sua geração. Um exemplo mais explícito do ativismo de Wojnarowicz pode ser visto em *Sem título (Entre C & D)*, uma campanha de cartazes contra o *bullying* contra homossexuais lançada pelo artista – um ponto sombrio no que, em certa época, devia parecer um paraíso da diversidade.

sobre o curador

Nascido e criado na Bélgica, Tim Goossens mudou-se para Paris onde obteve um mestrado em história da arte pela Paris IV-Sorbonne e um mestrado *cum laude* em Museologia na École du Louvre. Mudou-se para Nova Iorque em 2006, onde tornou-se assistente-curador do MoMA PS1 até 2010. Neste museu, foi curador da exposição coletiva *Between spaces* (2009), e colaborou em um grande número de exposições incluindo *Kenneth Anger* (2009) e *Greater New York* (2010). Foi co-autor do aclamado programa de performances *Saturday Sessions*, da mesma instituição. Como curador independente, foi idealizador de diversas exposições, incluindo Mary Beth Edelson (Suzanne Geiss Company, Nova Iorque, 2013), *Larger than love* (mostra oficialmente ligada à Bienal de Berlim, 2012), *Avec le temps – in temps* (Robert Miller Gallery, Nova Iorque, 2009) e a coletiva *RISD Expose*

(RISD, Providence, 2010). Atualmente é curador da Clocktower Gallery, um dos mais antigos espaços de arte sem fins lucrativos em Nova Iorque, onde trabalhou com Nancy Holt, Antony Hegarty, Nomi Ruiz, Joan Jonas e Patti Smith.

sobre o roesler hotel

Idealizado em 2006, o projeto começou como uma rede de intercâmbio, uma oportunidade de convidar artistas e curadores a desenvolver projetos e expor suas obras. Foram, até o momento, vinte e duas edições, entre elas mostras coletivas como *Lo bueno y lo malo* (2012), curada por Patrick Charpenel, *Buzz* (2012), curada por Vik Muniz, *Otras flores* (2008), curada por José Roca e individuais de Sutapa Biswas (2008), Rosário Lopez Parra (2008), José León Cerrillo (2007), Paul Ramirez Jonas (2011) e Hamish Fulton (2013), entre outras.

Em 2012, com a ampliação da Galeria Nara Roesler, o projeto Roesler Hotel começou uma nova fase, tornando-se um programa permanente, paralelo ao da galeria, no qual curadores e artistas são convidados a colaborar. Este espaço foi idealizado para provocar novos modos de pensar e produzir, articulando a rede de artistas, galerias e curadores.

sobre a galeria

Há mais de 35 anos, Nara Roesler promove arte contemporânea junto a um conjunto nacional e internacional de colecionadores, curadores e intelectuais. Em 1989, fundou a Galeria Nara Roesler em São Paulo, como um espaço para expandir as fronteiras da prática artística no Brasil e fora dele. Representando alguns dos mais interessantes artistas da atualidade, a galeria direciona seu interesse à justaposição de trabalhos dos anos 60 em diante e suas ramificações contemporâneas, representando nomes históricos ao lado de um seleto grupo de artistas em ascensão.